

MINHA AVÓ MALUCA

 **Barsa**
Literatura

Material de Divulgação Técnica
Reprodução Proibida

José Ignacio Valenzuela

ILUSTRAÇÕES DE **Leonardo Ríos**

TRADUÇÃO DE **Pacelli Dias Alves de Sousa**



 **Barsa**
Literatura

MINHA AVÓ MALUCA

Minha avó maluca

© 2022, Editora Planeta do Brasil Ltda

© 2015 José Ignacio Valenzuela Guiraldes, autor (representado por
Antonia Kerrigan Agente Literário, Donegal Magnalia S.L)

© 2022, Leonardo Ríos, ilustração

© 2022, Pacelli Dias Alves de Sousa, tradução

Direção Geral e de Negócios Anderson Silva**Coordenação Editorial** Juliana Muscovick**Revisão** Fabiana do Nascimento, Larissa Facco**Leitura crítica** Shirley Goulart**Diagramação** Estúdio Insólito**Coordenação de Negócios** Renato Munhoz**Suporte Técnico** Caio dos Santos**Ilustrações** Leonardo Ríos**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Valenzuela, José Ignacio

Minha avó maluca [livro eletrônico] / José Ignacio Valenzuela ;
ilustrações de Leonardo Ríos ; tradução de Pacelli Dias Alves
de Sousa ; paratexto de Marina de Paulo Nascimento. - São Paulo :
Planeta do Brasil, 2022. 112 p. : il.

ISBN 978-65-5535-855-1 (livro do estudante digital)

Título original: Mi abuela, la loca

1. Literatura infantojuvenil chilena I. Título II. Ríos, Leonardo

III. Sousa, Pacelli Dias Alves de

22-3265

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil chilena

1ª edição, 2022

*Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.*

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – São Paulo / SP

CEP: 01415-002

Tel.: (11) 3087-8888

Site: <https://blog.barsanarede.com.br/>

MINHA AVÓ MALUCA

José Ignacio Valenzuela

ILUSTRAÇÕES **Leonardo Ríos**

TRADUÇÃO **Pacelli Dias Alves de Sousa**

SUMÁRIO

I	9
2.....	15
3.....	19
4.....	27
5.....	35
6.....	37
7.....	43
8.....	49
9.....	53
10	55
11.....	63
12	65
13	71
14.....	73
15	79
16	81
Paratexto	89

Para a minha Titá e sua pinta.

1

A minha avó é a culpada de tudo. Sim, de tudo! Porque sempre existe uma pessoa que é culpada porque outra pessoa faz algo do jeito que faz, certo? Ou porque gosta do que gosta, ou ainda porque alguém não gosta de algo, e nunca gostou, na verdade, dessa coisa...

Bom, no meu caso, a responsável por tudo é a minha avó. E por quê? Simplesmente porque a minha avó está maluca.

Tenho certeza de que quando digo a palavra “avó” todo mundo já imagina uma senhorinha encantadora, de cabelos brancos presos com todo jeitinho em

um coque em cima da nuca, com um sorriso de fada madrinha e uns olhos tão doces como vaga-lumes apaixonados. Além disso, essa avó que todos imaginam se senta todas as tardes em uma cadeira de balanço para tricotar longos e coloridos cachecóis, e fica tão feliz que chora toda vez que seus netos a visitam. Então, porque é uma grande e carinhosa avó, já vai para a cozinha preparar os biscoitos de gengibre que serve acompanhados de uma xícara de leite com chocolate com bastante espuma.

Vão me dizer que essa não é uma avó maravilhosa?

Pois minha avó é exatamente o contrário.

A minha avó tem o cabelo preto, bem preto, e o penteia do mesmo jeito desde o primeiro dia em que a conheci, ou seja, desde que eu nasci. É um penteado meio estranho e até difícil de explicar: é como se ela penteasse das pontas para a raiz, porque fica muito armado. Quando eu era mais novo, pensava que ela colocava papel de jornal amassado no meio do cabelo, para que ficasse alto daquele jeito. Depois descobri que o seu segredo era borrifar laquê todo dia de manhã para manter o penteado ao longo do dia.

A verdade é que de longe o cabelo da minha avó parece a cabeça do Darth Vader, o vilão de *Guerra nas estrelas*.

Igualzinho.

Além disso, por culpa de todo o fixador que ela usa, seu cabelo fica tão duro como um capacete de

bicicleta. Tanto que já cheguei a pensar que se acontecesse um incêndio, o melhor que poderia acontecer seria eu estar com a minha avó. Pois se eu ficar encurralado no meio do fogo, a solução é muito simples: pego a minha avó nos braços e com seu cabelo de pedra quebro os vidros de alguma janela.

É pura sorte ter uma avó que pode salvar a sua vida.

A minha avó se chama Petúnia. Para quem não sabe, petúnia é o nome de uma flor que tem cores muito bonitas e que sempre parece estar como na primavera. Mas não sei por que a mãe da minha avó colocou esse nome nela. A minha avó nunca se veste com roupas coloridas. Pelo contrário, sempre usa saias ou calças pretas, e um lenço longo que coloca em volta do pescoço. Um lenço que também é preto, óbvio. Tão preto como o seu cabelo, ou como a pinta falsa que ela desenha em cima do lábio superior.

Sim, porque além de pentear o cabelo como a armadura do vilão de *Guerra nas estrelas*, minha avó desenha uma pinta falsa. Ela diz que a vida foi muito injusta, já que ela é muito mais sexy que a Marilyn Monroe. E que se havia alguém que merecia uma charmosa pinta em cima dos lábios, esse alguém era ela, e não aquela atriz loira que brincava de fazer filmes. Por isso, todas as manhãs, além de borrifar um frasco inteiro de spray na cabeça, minha avó retira de um estojo cheio de maquiagens usadas e muito velhas um pequeno lápis que parece

um pincel. Mas não é um pincel: é um lápis especial para desenhar pintas. Ela umedece a ponta do lápis com a língua, deixa ele bem apoiado sobre a sua pele, faz uma voltinha rápida para deixar estampada a sua famosa pinta falsa e... pronto!

A questão mais importante para se entender sobre essa pinta é que o lugar que ela a desenha indica o seu estado de ânimo. Essa é sua maneira de se comunicar com a gente, os netos. E todos sabemos que devemos nos atentar para esses sinais, porque ela está maluca e nunca, nunca, devemos contradição as avós malucas.

E a coisa funciona assim: se a minha avó desenha a pinta no lado direito do lábio superior, isso significa que está feliz. Então, se alguém vai visitá-la e ela abre a porta de casa com a pinta nessa posição, já pode respirar tranquilo e entrar sabendo que tudo vai estar bem. É um alívio bem grande.

Por outro lado, se ela desenha a pinta do lado esquerdo, isso quer dizer que está triste e que o mais provável é que esteja lembrando do dia em que meu avô morreu, ou de quando um terremoto deixou em pedaços um lindo vaso que tinha sido da sua tataravó. A melhor coisa a se fazer nessas situações é falar que nesse dia ela amanheceu muito mais jovem que no anterior, e assim tentar fazer com que ela sorria. Mas quase nunca é possível alegrar a minha avó quando ela desenha a pinta no lado esquerdo do rosto. Acho que para ela a tristeza



sempre é mais forte do que a alegria, porque é muito difícil fazer com que ela mude de ânimo.

Quando ela desenha a pinta do lado direito do queixo, debaixo da boca, significa que está muito nervosa e a melhor coisa que podemos fazer é sair correndo para o mais longe possível. Uma avó maluca e indignada é coisa séria. Eu já vi minha avó com a pinta do lado direito do queixo duas vezes e, para falar a verdade, parecia outra pessoa. Na primeira vez, ela estava discutindo com uma vizinha não sei por quais razões e esteve a ponto de incendiar a casa dela só com o olhar. A segunda ocasião foi quando a cabelereira se equivocou no seu trabalho e cortou mais cabelo do que devia. A minha avó se transformou em um furacão e todos nós que estávamos perto dela vimos quando ela chegou soltando fogo pelas ventas e se trancou no quarto enquanto gritava que não ia sair dali até que seu cabelo crescesse.

A última posição para desenhar a sua pinta falsa é a minha preferida: do lado esquerdo do queixo, debaixo do lábio inferior. Significa que quer ficar sozinha para sentar-se e escrever.

Porque a minha avó, além de maluca, é poeta.

E foi precisamente por conta da poesia da minha avó que eu acabei sendo como sou.

2

Pereço desculpas por não ter me apresentado antes. Eu me chamo Vicente e há muito tempo tinha a mesma idade que vocês têm agora. E foi naquela época que aconteceram as coisas que vou contar.

Eu já disse que a minha avó Petúnia era maluca. Mas não um tipo de maluquice qualquer. É uma loucura diferente. Parece normal, mas não é. E quando a gente não fala muito e não faz muitas perguntas, é mais difícil descobrir de que tipo de loucura se trata. Se alguém vê a minha avó sentada na sala, conversando com alguma amiga, ou caminhando pela rua com uma sacola de supermercado na mão, não acreditaria que está maluca. De jeito nenhum.

Pelo contrário. Diria que é uma senhora bastante normal... ainda que um pouco peculiar, talvez, por causa da pinta falsa em seu rosto. Pode ser que pensasse que é um pouco excêntrica, graças ao chapuzinho verde com penas que tira do seu armário em várias situações, e que coloca em cima do seu cabelo endurecido pelo laquê. Inclusive quando se tranca no quarto para escrever suas poesias, ela ainda assim parece uma pessoa comum e normal sentada em frente a uma velha escrivaninha de madeira, enquanto olha para o nada e morde o lápis em busca do que ela chama de “inspiração”.

Às vezes penso que só eu podia perceber que a minha avó estava maluca. E foi a sua maluquice que mudou a minha vida.

Como? Bom, tudo começou quando um dia minha mãe disse:

— Acabei de conseguir um trabalho.

Eu fiquei muito feliz, porque a única coisa que eu tinha escutado minha mãe dizer era:

— Não consigo trabalho em nenhum lugar.

Mas daquela vez, enquanto meu pai, ela e eu jantávamos, minha mãe disse o contrário e todos celebramos muito. Meu pai aplaudiu e minha mãe fez uma reverência enquanto eu fazia barulho batendo o garfo em um copo, como se fosse um instrumento musical.

— E para que você saiba, a partir de amanhã o ônibus da escola vai te levar diretamente para a casa

da sua avó — disse a mamãe sem nem me dar tempo para reagir. — Eu já não vou estar em casa para te receber depois das aulas. Entendeu, Vicente?

Eu não soube o que responder. Diante do meu silêncio, meus pais me explicaram que se revezariam para sair de seus trabalhos e me buscar na casa da minha avó, e nos reuniríamos os três para jantar juntos como todos os dias. Eu não devia me preocupar. Minha mãe já tinha passado para o motorista do ônibus escolar o novo endereço aonde tinha que me levar.

Antes de tirar os pratos da mesa e ir para a cozinha, ela me aconselhou:

— Se comporte bem na casa da sua avó. Você sabe como ela é.

Sim, claro que eu sabia como a minha avó era. Talvez eu fosse o único que realmente sabia como ela era. E por isso mesmo não queria que me levassem para a casa dela depois da aula.

Nessa noite, enquanto eu tentava dormir, fiz muitos planos pensando em como eu evitaria que o ônibus me deixasse em frente à casa dela. Quando imaginei minha avó saindo para me pegar com seu chapeuzinho verde de penas, uma pinta maior que tudo desenhada em cima da boca e uma saia, a vergonha de que meus colegas de escola a vissem assim dentro do carro, tão diferente de todas as avós do mundo, paralisou a minha respiração e me fez

levantar de supetão da cama. E se ela começasse a recitar uma de suas poesias ali na rua, enquanto eu descia do ônibus?

— “Passarinho cinza que alegre canta no batente da minha janela, casulo de um novo dia, lindo casulo da manhã” — diria em alto e bom som, com um sorriso debochado nos lábios, só para me obrigar a entrar rápido em sua casa e assim não se expor muito aos raios de sol.

Já te disse que minha avó não toma sol para não enrugar a pele? É que ela ainda não se acostumou a ter a idade que tem, por isso sempre mente quando lhe perguntam.

Não. Não podia permitir que a minha avó arruinasse minha vida. E muito menos na frente de todos os meus colegas!

Quem diria que aconteceria exatamente o contrário... Mas claro, eu não tinha como adivinhar o futuro.

3

As cortinas da casa de minha avó estão sempre fechadas. Sempre. Ela não gosta que a luz do sol entre nem através das enormes janelas da sala e de seu quarto, porque ela diz que o tecido das poltronas fica desbotado e a pele se enche de manchas e rugas.

Tanto o tecido das poltronas quanto a pele de seu rosto devem ter sido muito, mas muito importantes para ela, porque minha avó nunca permitiu que alguém abrisse as cortinas. Bom, sim, só uma vez ela abriu, e foi por minha culpa. Mas o porquê ela fez isso eu só vou contar um pouco mais à frente.

Como os raios de sol nunca puderam entrar e passar pelos corredores e os quartos, o interior da casa da minha avó sempre foi frio e escuro. Era como se um inverno eterno tivesse se instalado nas paredes, algo de que ela gostava muito. Isso permitia que ela usasse umas grossas calças pretas e um cachecol que combinava com seu chapeuzinho verde de penas em qualquer época do ano. O mesmo chapeuzinho com que saía para me receber toda vez que o ônibus escolar me deixava em frente à sua casa. Eu descia apressado, me esquivando com habilidade das piadas dos meus colegas que ficavam rindo dela, apontando-a através dos vidros das janelas, vendo a minha avó em sua postura muito ereta, com sua pinta falsa e seu penteado de Darth Vader no umbral da porta.

— Boa tarde, meu netinho — ela me dizia. Ganhou algum prêmio hoje no colégio?

Algo que eu não contei para vocês é que a minha avó sempre teve uma obsessão por ganhar um prêmio. Cada vez que terminava um poema, exclamava cheia de esperança:

— Com esses versos sim que eu vou ganhar um prêmio!

Mas o prêmio nunca chegou. Nunca. Desiludida com os juizes que não reconheciam o seu talento, ela depositou todas as suas esperanças em seus filhos. Mas como eles nunca se mostraram interessados em escrever um verso que seja, muito menos um poema,

tampouco eles ganharam algum prêmio. Então, para a minha avó não restou mais que confiar que entre seus netos talvez houvesse um possível poeta que algum dia talvez se destacasse em uma competição literária, para enchê-la de orgulho e satisfação.

Para ser honesto, as coisas não andavam bem para os sonhos de reconhecimento de minha avó.

Um dia, minha avó entrou de surpresa na sala onde eu estava sentado no sofá fazendo minha lição de casa. Tenho que dizer que estudiosos como eu, mais discretos e calados, somos os melhores para cumprir as tarefas escolares. Não necessitamos que ninguém nos incentive a abrir a mochila para pegar os cadernos ou os livros. Podemos passar a tarde inteira revisando o dicionário em busca da palavra precisa para a atividade. Além disso, não incomodamos ninguém: como não fazemos muito barulho, nos camuflamos e nos disfarçamos perfeitamente, e a nossa maior bagunça acontece quando espalhamos os lápis de cor para marcar as coisas mais importantes de cada atividade que estivermos estudando com diferentes cores.

E eu sempre fui esse tipo de pessoa. O rei delas.

Minha avó atravessou a sala da sua casa, segura e decidida. Com cada passo, seu lenço de seda preto se moveu como uma mariposa viúva ao redor do seu pescoço. Deteve-se um momento, como se fosse me dizer algo. Eu a vi mordendo os lábios e a sua pintura falsa se enrugou, preparando uma exclamação.

Pensei que queria me recitar o seu último poema ou que ia brigar comigo por ter deixado a mochila suja na poltrona, que ela tanto protegia dos raios solares. Mas não. Vendo a minha surpresa, avançou em direção à janela e com um movimento certo abriu a cortina.

Então o sol entrou pela primeira vez em sua casa. Vi tudo diferente quando essa luz brilhante e amarela tocou com suavidade e respeito os enfeites, os móveis, as paredes e os tapetes. O que sempre me pareceu opaco e escuro ficou rapidamente vibrante e colorido. Descobri que os muros eram realmente de uma cor rosa suave e não cinza como sempre pensei. E quando eu começava a descobrir a variedade de diferentes tonalidades nos desenhos das almofadas, minha avó se aproximou e fixou seu olhar em mim, com olhos pretos e redondos tais como a pinta falsa sobre seus lábios.

— O que você vê lá fora? — ela perguntou.

Um de seus dedos apontou o jardim que, pela primeira vez, podia ser apreciado por meio dos imaculados vidros da enorme cortina da sala.

Eu sabia que a minha avó estava maluca, mas aparentemente nesse dia ela tinha acordado pior que o esperado.

Estiquei o pescoço e deixei que meus olhos percorressem por um segundo o quintal onde ninguém ia, porque minha avó não deixava que os sapatos ficassem manchados pela terra úmida do pasto no

verão, ou que a roupa se enchesse de folhas secas no inverno. Mas, agora, a falta de cortinas me permitiu apreciar uma planta trepadeira bem grande que cobria a parede do fundo, e uma longuíssima fileira de flores que contornava a laje.

— O que você vê ali? — ela insistiu.

— Um jardim — respondi, ainda que no meu interior eu sabia que essa não era a resposta que ela buscava.

— Um jardim, sim. Muito bem — concordou. Fico feliz que finalmente você esteja falando, rapazinho!

Nós, os estudiosos mais discretos, somos assim: silenciosos. Preferimos escrever, somar, descansar e ler nossos livros de história mais do que falar. Será que a minha avó não entendia isso?

— E o que você vê no jardim? — voltou a perguntar.

Deixei que os meus olhos pulassem da trepadeira para as flores. Das flores à grama. E da grama à enorme árvore que crescia no meio do pátio. Uma árvore tão grande que parecia um gigantesco guarda-chuva de madeira coberto de folhas.

— Uma árvore — disse. E o sorriso em seu rosto indicou que dessa vez eu tinha acertado a resposta.

— Uma árvore, sim — afirmou. E como você descreveria uma árvore, Vicente, sem dizer as palavras “tronco” e “galhos”?

Fez-se um silêncio. Eu pensei que a minha avó tinha ficado mais maluca que o esperado, mas o



mais estranho é que ninguém da família tinha me avisado. Como eu poderia descrever uma árvore sem dizer as palavras “tronco” e “galhos”, se o que faz com que uma árvore seja uma árvore é o fato de ter tronco e galhos?

— Não é possível, vó — respondi com um suspiro.

Ela levantou uma de suas sobranceiras. Só uma: a esquerda. E ela sempre levanta essa sobranceira quando está a ponto de ficar nervosa. Quando alguma coisa a irrita de tal modo que chega a considerar a ideia de apagar a pinta para voltar a desenhá-la do lado direito do queixo, debaixo da boca. E, como já contei para vocês, só a vi com a pinta nesse lugar duas vezes e foi horrível. Não, eu não estava disposto a ser o responsável por provocar uma terceira vez.

— Estou pensando! — esclareci, e deixei que os meus olhos subissem e descessem pela árvore enorme que permanecia imóvel no jardim, sem imaginar tudo o que a sua presença havia criado no interior da casa.

Abri a boca e deixei que meu coração falasse. Então começaram a sair palavras que eu não sei de que parte do meu corpo vieram, mas imagino que foi do meu coração, já que disse com a maior sinceridade que eu pude:

— Vale se eu falar que uma árvore é um gigante de madeira contente que estende seus braços com folhas para o céu...?

Minha avó ficou uns instantes em total silêncio. Muda. Sem se mover. Abriu os olhos um pouco mais, e isso que ela quase não abre para não enrugá-los mais que o necessário. Acenou com a cabeça e a sua voz soou um pouco desafinada quando disse:

— Sim, vale. Claro que vale. Vale e muito!

Tenho certeza de que nesse dia, nesse preciso dia, deixei de ser invisível e a minha avó me viu – me viu realmente – pela primeira vez.

E, claro, nesse dia eu também me converti em seu neto favorito.

4

A pior coisa que pode acontecer quando você tem uma avó maluca é que as outras pessoas percebam. Especialmente se os outros são seus colegas de escola, os mesmos que riem e te zoam porque você não gosta de jogar futebol no recreio e prefere ficar na sala de aula, ou sentado confortavelmente no corredor, lendo e relendo seu livro preferido. A única vez em toda a minha vida que tentei jogar bola, tropecei no meu próprio pé pouco antes de começar o jogo e terminei no hospital, com o dente quebrado e vários pontos no lábio. Além disso, a grama sempre me deu alergia

e quando começo a espirrar não há quem pare o estardalhaço que meu corpo faz.

Não, não sou dos esportes.

Por isso, quando o ônibus escolar com todos os meus colegas estacionou em frente à casa da minha avó Petúnia e vi que ela estava do lado de fora, quase na rua, me esperando com um sorriso e com a sua pinta falsa mais preta que nunca, fiquei nervoso na hora. Em geral, ela esperava que o veículo buzinasse, ou que eu tocasse a campainha para abrir a porta e me deixar entrar.

Mas desta vez as coisas foram diferentes.

Bom, para falar a verdade, as coisas foram diferentes desde que ela abriu a cortina da sala e me fez olhar o jardim. Desde o exato momento em que eu respondi que uma árvore era um gigante de madeira, com os braços cheios de folhas que se estendem para o céu. Desde esse dia os olhos da minha avó me viram muito mais. Inclusive, ela começou a me oferecer sucos e biscoitos quando eu terminava as lições e ficava sem nada para fazer.

— Olha o que eu te trouxe por ter estudado tanto! — ela dizia, e a sua pinta falsa parecia dançar em cima do lábio superior de tanto gosto.

Sim, sem dúvidas ela estava fica um pouco mais maluca a cada dia.

Quando eu a vi na calçada, muito sorridente e com o chapéu verde sobre o seu penteado de Darth Vader, soube imediatamente que algo anormal

estava acontecendo. Durante alguns segundos, tive dúvidas sobre se eu descia ou não do ônibus. Mas ao escutar os primeiros risinhos dos meus colegas, que grudaram na janela do ônibus para poder vê-la melhor, entendi que tinha que agir rápido. Não deixaria que continuassem a caçoar de mim, e agora ainda por culpa da minha avó.

Ela começou a fazer gestos com ambas as mãos para que eu descesse. Parecia apressada por alguma razão. Por que estaria tão ansiosa para que eu entrasse logo na sua casa?

— Nós vamos ao parque! — exclamou cheia de entusiasmo logo quando pisei no cimento da calçada.

Minha avó quer me levar ao parque? Logo eu?

Eu nem sabia que ela tinha noção de que existia um parque a poucas quadras de sua casa. E sem que eu pudesse evitar, ela começou a descer a rua. Não tive opção senão segui-la e a pena verde de seu chapéu, que se mexia com cada passo e me apontava a rota a seguir, como a seta de uma bússola

— “Passarinho cinza que vive debaixo do umbral da minha janela, sinto seus trinos e gorjeios, que nascem puros de sua garganta” — foi recitando durante as três ruas que percorremos juntos. “E em um sussurro de pena e seda, vejo que agita as suas mornas asas...”

O que tinha acontecido? O que fazia que minha avó estivesse tão sorridente caminhando sob os raios de sol que até esse momento tinha sido seu pior e

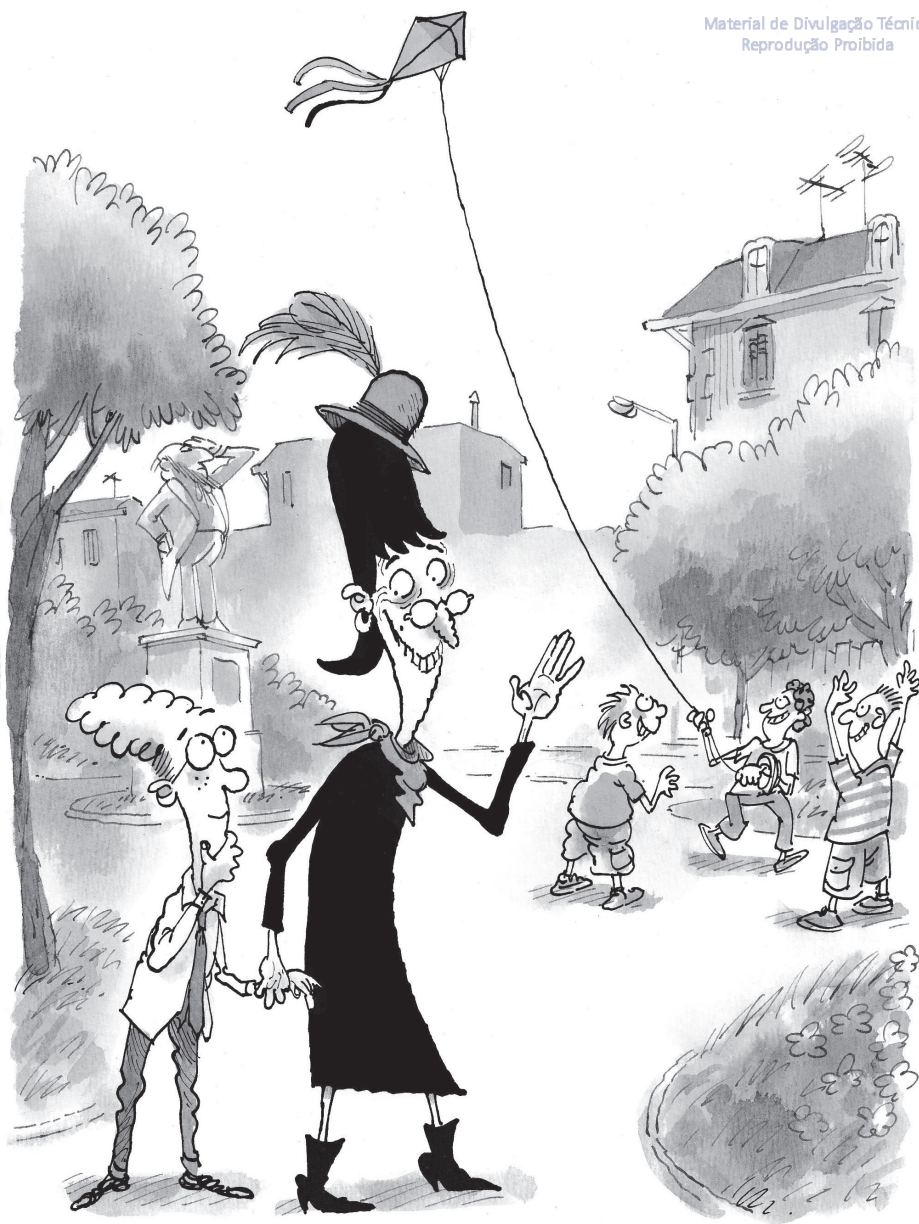
mais terrível inimigo? Em qual momento ela tinha decidido me amar dessa maneira tão estranha que fazia com que passeasse comigo pelo bairro e deixasse sua sombra protetora no interior de casa?

— Olha! — apontou quando chegamos à enorme praça na qual se via uma grama muito verde, flores multicolores em todas as esquinas e a estátua de um senhor muito sério que olhava o horizonte com olhos de aventureiro.

Segui com a vista o rumo que apontou seu dedo. A alguns metros de distância, vi uns rapazes da minha idade que brincavam de soltar uma enorme pipa por cima dos fios elétricos e dos cumes das árvores. Uma pipa que voava como um pássaro e fazia piruetas da direita à esquerda, de cima para baixo. Uma pipa que imediatamente me hipnotizou e me fez esquecer que, do meu lado, a minha avó, maluca, seguia segurando a minha mão.

— Vicente, como você falaria pipa sem usar as palavras “losango” ou “papel”? — perguntou com uma voz cheia de curiosidade.

E então, pela primeira vez na vida, vi no rosto de minha avó um gesto de enorme ilusão e orgulho diante do que eu poderia responder. A esperança de que minhas palavras voltassem a provocar nela um sentimento de satisfação me assustou por um momento, mas também me encheu de alegria. Ninguém nunca tinha esperado alguma coisa de mim de um jeito tão evidente e sufocante.



Minha avó apertou os olhos, juntou os lábios e segurou minha mão entre seus dedos. Até a pipa no céu pareceu que fez uma pausa em meio aos seus voos e cortes, disposta a ouvir a minha resposta.

Abri a boca e deixei, mais uma vez, que meu coração falasse:

— Vale se eu dizer que uma pipa é um remendo colorido costurado na pele do céu? — murmurei, sem estar muito seguro sobre a efetividade de minhas palavras.

Durante a resposta minha avó ficou caminhando. Mais uma vez, a pena do seu chapéu deu sinais para que eu seguisse. Sem entender o que estava acontecendo, avancei atrás dela e a acompanhei até uma livraria que ficava na rua em frente ao parque. Desde a porta, sem me atrever a entrar, vi que ela falava com a vendedora que se afastou uns passos e depois voltou com algo entre as mãos que não cheguei a ver. Minha avó Petúnia acenou com a cabeça e virou em minha direção com o mais largo e luminoso sorriso que alguém já me dedicou.

— Toma, Vicente. Isso é para você — disse muito solene. É um prêmio por você ser como é.

Acabou que o presente era um lindo caderninho de capa verde e páginas quadriculadas, que guardei com ciúmes durante anos, muitíssimos anos, numa gaveta de minha escrivaninha. E sim, é o mesmo caderninho em que eu escrevi sem parar, até que não teve espaço para escrever mais nada.



O mesmo caderninho que de tanto estar dentro da minha mochila ou na minha mesinha virou meu melhor amigo.

Como queria poder contar tudo isso para a minha avó.

Mas, claro, isso já é impossível.

5

Agora, a única coisa que eu quero a cada dia é que as aulas acabem logo para ir ver minha avó. Eu já nem sequer escuto as risadas e as zoeiras de meus colegas no ônibus durante o trajeto para casa. Quando vejo sua pinta e a pena verde que me cumprimentam desde a calçada, já tenho vontade de rir.

Será por isso que agora eu rio muito mais do que antes?

6

E acabou que em um dia qualquer, assim, sem aviso prévio, minha avó anunciou aos meus pais que eu era um poeta.

Eles tinham ido me buscar uma noite depois de seus respectivos trabalhos, estavam cansados e com vontade de ir rápido para casa jantar e dormir. Mas minha avó Petúnia parou na porta, avisou que tinha algo muito importante a dizer os convidou a entrarem.

— Aconteceu algo que eu não saiba? — minha mãe perguntou assustada.

— Claro que sim. Aconteceram muitas coisas, minha filha — respondeu.

— Coisas boas? — e minha mãe ia ficando mais pálida a cada segundo.

A pinta de minha avó parecia sorrir sobre o lábio superior. Quando os três entraram na sala, me encontraram sentado no sofá, nervoso, abraçado na minha mochila cheia de cadernos e livros, com a intuição de que algo muito importante estava a ponto de acontecer.

— O que foi que você fez?! — exclamou meu pai avançando de um jeito um pouco ameaçador até o sofá em que eu estava.

Não soube o que responder. Algo me confirmava que, de fato, as coisas tinham mudado para sempre entre minha avó e eu. Desde que descobrimos que nos divertíamos juntos brincando de descrever de maneiras pouco habituais palavras comuns como “árvore”, “pipa”, “sol” ou “pássaro”, minha avó maluca parecia gostar cada vez mais da minha presença em sua casa.

E, para falar a verdade, eu também me divertia muito com ela.

Era só eu descer do ônibus e ela abrir a porta que já me acompanhava dando pulinhos cheios de entusiasmo até chegar à sala, onde me acomodava entre as almofadas para então me servir um suco com biscoitos. Depois, ela me deixava para que eu fizesse as lições. Ainda que fingisse ir para o segundo andar para fazer suas coisas, eu a via de rabo do olho que aparecia detrás da porta a cada quinze minutos, me analisando para descobrir se eu já

tinha terminado meus deveres de matemática ou de história. Quando finalmente me via fechar os cadernos, ela entrava com um sorriso enorme no rosto e, com um gesto de diretora de orquestra, me apontava o jardim. Então saíamos para nos sentar no chão e começar a brincar.

Enquanto outros netos brincavam com bola, bonecas, peões ou carrinhos de brinquedo, a gente brincava com as palavras.

Nessa mesma tarde, o dedo da minha avó – longo e magro como um galho de uma árvore seca – havia apontado uma borboleta que voou de surpresa de uma das flores do quintal.

— Rápido, Vicente! — me chamou com entusiasmo. Como você diria “borboleta” sem dizer “asas” e nem “cores”?

Deixei que minhas pupilas seguissem o delicado movimento daquelas asas quase transparentes, mas também tão vibrantes ao mesmo tempo. *Plaf, plaf, plaf* era o que faziam a cada movimento. Mais uma vez, as palavras chegaram sem que eu fizesse muito esforço:

— Vale se eu dizer que uma borboleta é o aplauso de um pequeno arco-íris que flutua no céu? — respondi.

Ela, como sempre, não disse nada. Mas seus olhos pareciam aplaudir como uma borboleta, que bateu suas asas perto da gente poucos segundos antes de se perder entre os galhos da enorme árvore do jardim.

Mas como eu poderia explicar ao meu pai o que acontecia entre minha avó e eu, se nem eu compreendia do que se tratava?

— Responde! — voltou a bufar meu pai. O que você fez para que a sua avó queira falar com a gente?

— Nada. Meu neto não fez nada — ela disse muito séria. Eu tenho uma notícia para vocês. Prestem atenção.

Foi só minha mãe agarrar assustada a mão do meu pai que a cor vermelha de sua boca sumiu. Isso sempre acontece quando ela fica nervosa. Desde que sou mais novo.

Suponho que como é filha da minha avó, essas coisas inusitadas também devem ocorrer com ela, coisas raras que não acontecem com o resto das pessoas. Lembro que da única vez que joguei futebol, como disse para vocês, tropecei no meu próprio pé e caí no chão com tudo. Ao me levantar, vi uma pequena poça de sangue na terra. Imediatamente senti um sabor amargo na boca e a minha língua entrou em um novo buraco que apareceu entre meus dentes. Ao levantar a vista, descobri que minha mãe tinha saído apressada do interior da casa porque escutou meu grito de dor. Ela arregalou os olhos, aterrorizada por me ver nesse estado, e rapidamente seus lábios ficaram tão brancos como os de um fantasma. Ou os de um zumbi recém-transformado. Ou os de um vampiro que ainda não começou a chupar o sangue de alguém.

Foi a primeira vez que descobri que ela tinha esse estranho poder. Isso aconteceu de novo quando quase me atropelaram um dia em que soltei a sua mão e fui atravessar sozinho a rua. Ou quando ela foi despedida de seu trabalho.

— Vicente é um poeta — anunciou minha avó e abriu os braços como uma atriz ao terminar uma peça de teatro, esperando as cortinas se fecharem.

Meu pai e minha mãe ficaram em total silêncio e com cara de “Era isso?”. Eu podia escutar os grilos que faziam cri-cri-cri no jardim.

— Isso foi a coisa mais importante que aconteceu na família desde que eu comecei a desenhar a minha pinta no rosto — continuou minha avó ao ver que ninguém dizia nada. Esse menino é um verdadeiro artista!

— Bom, o pai do artista está morrendo de fome e cansaço — disse meu pai enquanto bocejava. Já podemos ir?

Minha avó correu até a porta da sala, balançando o cabelo endurecido pelo laquê a cada passo que dava, e bloqueou a saída com seu corpo.

— Ninguém vai sair daqui até que vocês me jurarem que o Vicente vai continuar vindo aqui todos os dias, inclusive quando acabe o colégio! — ela exigiu. — Eu e ele temos muita coisa para fazer juntos ainda. Não é verdade, rapaz? — disse e piscou o olho para mim.

Eu concordei sem pensar duas vezes.



7

- **F**echa os olhos, Vicente — disse a minha avó.
Mas bem fechados!
— Assim?
- Não, sem trapacear. Já fechou?
- Sim.
- Muito bem. Agora estenda a sua mão para as flores que estão do seu lado. Sem olhar!
- Bom. E agora?
- Isso, assim. Passe suavemente seus dedos sobre as pétalas. Você está sentindo? Sente as pétalas da rosa que está tocando?
- Sim...

- Descreva o que está sentindo.
- Não consigo descrever nada com os olhos fechados, vó.
- E quem te ensinou essa mentira? — exclamou endurecendo o tom de voz. Isso não é verdade. A gente sempre descreve melhor as coisas com os olhos fechados. E sabe por quê?
- Não...
- Porque a gente descreve com o coração e não com os olhos. Os olhos enganam, Vicente. Confundem. Mas o coração nunca se engana. Entende?
- Mais ou menos, vó.
- Vamos ver... Me descreva a flor que você está tocando só com os seus sentidos.
- Está um pouco fria...
- Muito bem. E?
- É suavezinha... muito suave.
- E que cor tem essa suavidade?
- Ai, vó, mas suavidade não tem cor.
- Claro que tem.
- Tem?
- É que a gente não percebe. Mas as crianças como você sim. Porque sabem ver com o coração, e não só com os olhos. Vamos lá, diga qual a cor dessa suavidade.
- É... não sei...
- Claro que sabe, Vicente — ela insistiu.
- Amarela...?
- Uma suavidade amarela.

- Sim, vó. É amarela.
- Eu gosto disso. E por que é amarela?
- Porque a suavidade está feita de sol, como a flor.
- Muito bem, Vicente, muito bem. Eu sabia que você não ia me desapontar!
- O que significa desapontar?
- Desapontar é quando todas as esperanças e ilusões que você colocou em alguém não valeram a pena... E você fica triste porque essa pessoa de alguma maneira falhou contigo.
- E eu não falhei contigo, vó?
- Você? Pelo contrário, rapazinho! Todo o contrário — respondeu, e sua mão acariciou meu cabelo. Agora não abra os olhos.
- Não, não vou abrir.
- Agora você sente o vento?
- Sim... Claro que sinto.
- Onde você sente?
- No cabelo... no meu rosto...
- E o que diz o vento?
- Está rindo.
- Ah sim...? E por quê?
- Porque os galhos das árvores fazem cócegas nele. E ele sente muitas cócegas. Você sabia que o vento gostava tanto assim de rir?
- Não, Vicente, não tinha ideia.
- Ele é muito alegre, vó. Por isso está sempre soprando, porque assim são as suas gargalhadas. Puro ar.
- E de que cor é o vento?

— É verde, porque ele é tingido pelas folhas das árvores quando passa por cima delas.

— Claro, como eu não tinha pensado isso. O vento é verde.

— E agora eu estou vendo o vento, vó, mesmo com os olhos fechados! O vento vive do outro lado dos montes. Aí está a sua casa. E toda manhã ele se levanta rindo, porque é muito alegre...

— Sim, isso você me disse.

— E então começa seu trabalho, que é percorrer o mundo para fazer com que as pessoas riam com ele. E do que gosta mesmo é de se meter nos parques, porque aí é onde ri mais...

— Pelos galhos das árvores, verdade?

— Exato, vó. Ele gosta de receber coceguinhas.

— E como é a voz do vento?

— A voz do vento é transparente. Soa igual a um sino de gelo.

— Adorei, Vicente!

— Eu vejo tantas coisas quando fecho os olhos.

— Sim, com os olhos fechados se vê muito mais que com os olhos abertos.

— E por que ninguém me disse isso antes, vó?

— Porque nem todo mundo sabe — ela sussurrou. Mas para isso existem as avós. Especialmente as que são malucas.

— Por que você diz isso?

— Por acaso não é isso que todos pensam de mim? Que eu estou maluca?

- Eu já posso abrir os olhos?
- Não. Ainda não. Sem trapacear. Você acha que eu estou maluca, Vicente?
- Um pouquinho.
- Que bom...
- Você gosta de estar maluca?
- Digamos que eu não gostaria de ser igual às outras avós. Eu me divirto com outras coisas...
- Como desenhar uma pinta no rosto.
- Isso mesmo! Ou me sentar para pensar de que cor é a alegria!
- A alegria é vermelha, vó.
- Vermelha?
- Sim, vermelha como um coração batendo mais forte de pura felicidade.
- Posso te contar algo, Vicente?
- Sim.
- Você também está um pouco maluco.
- Você está falando sério?
- Sim. É a coisa mais séria que já disse na vida. E você já pode abrir os olhos.

8

Naquela noite fiquei até tarde pensando que a culpa de tudo era da minha avó. Sim, de tudo! A culpa de que eu passasse o dia inteiro desejando que as aulas acabassem rápido para ir correndo para sua casa, para me sentar com ela no jardim e brincar com as palavras. Ela também tinha culpa de que os livros estivessem se acumulando no meu quarto, livros que eu devorava com entusiasmo antes de acabar dormindo. E o mais importante é que ela era a responsável pelo fato dos meus colegas começarem a rir de mim, ou me provocarem porque quando eu saía para jogar futebol com eles durante o recreio, eu fechava os olhos para que a minha mente fosse



para um longe, tão longe que nada nem ninguém poderia me alcançar. Assim como ela me ensinou.

Estava claro para mim que minha avó era a culpada de muitas coisas. De tudo ou de quase tudo. O que não estava claro ainda era se isso fazia dela uma boa ou má avó.

Eu me faço muitas perguntas, eu sei. Mas nós, os mais introvertidos, somos assim...

Naquela tarde que ela me ensinou a ver o mundo com os olhos fechados, passamos muitas horas em seu jardim. Quando terminamos de conversar, lembro que levantei as pálpebras depois de ficar muito tempo de olhos fechados, do jeitinho que ela mandou. A luz do sol, que entrou com tudo nas minhas pupilas, me deixou cego por um momento, como quando alguém acende uma lanterna no meio da noite e a aponta direto para seu rosto.

Durante vários segundos, tudo o que vi foram pequenos pontinhos coloridos dançando em cima de um branco intenso. Mas, de repente, no meio desse clarão, formou-se uma mancha um pouco mais escura que foi se definindo pouco a pouco. Por um momento, pensei que de fato era o Darth Vader que estava na minha frente. Mas não, era a minha avó, maluca, com a sua armadura idêntica de sempre, e eu fiquei tranquilo. Uma pinta redonda e preta, pintada em cima do lábio superior, me deu uma piscada de cumplicidade.

— Sim, Vicente — disse minha avó Petúnia com um sorriso enorme —, você também está um pouco maluco. E é por isso mesmo que a gente se dá bem.

Não lembro muito bem o que aconteceu depois. Já se passaram muitos anos desde esse dia. Mas, se não me engano, minha avó me abraçou com força. Senti o seu clássico perfume de flores, madeira e frutas, o mesmo que passava todas as manhãs, e que durava todo o dia. Eu também a abracei com força, fazendo com que ela soubesse que estava muito feliz de ter passado a tarde com ela no jardim, e que brincar com as palavras tinha se tornado algo muito, muito importante para mim.

A coisa mais importante da minha vida, talvez.

Não me arrependo de ter permitido que minha avó me visse chorar naquele dia. Fico feliz de que isso tenha acontecido. Eu não pude evitar que meus olhos se inundassem ao saber que tinha a melhor avó do mundo, a mais única e especial. A mais maluca e maravilhosa. E que ela estava ali, ao meu lado, tão emocionada quanto eu.

Sim, as lágrimas valeram a pena. Especialmente porque essa foi a última vez que fomos juntos para o jardim ver as árvores, as nuvens, as flores e o sol.

A última vez, ainda que eu não soubesse naquele momento.

Depois, tudo mudou.

9

Minha avó ficou doente pouco tempo depois.
A tristeza foi tão grande que eu sinto essa
dor até hoje.

10

O hospital para onde levaram minha avó tinha o mesmo cheiro que a caixa metálica em que minha mãe guardava os remédios. Era uma velha caixinha de biscoitos que alguém me deu de presente de Natal. Depois de comer todas as bolachinhas, minha mãe pegou a caixinha do chão — onde tinha ficado abandonada, junto com as embalagens de presente, lavou por dentro e por fora, pintou de branco e desenhou uma cruz vermelha na capa. Cada vez que ela era aberta, o mesmo cheiro de doença escapava do interior. Era uma mistura do metal oxidado do fundo, xarope para tosse — que diziam ser de morango, mas na

verdade tinha gosto de fruta podre — e remédio com que limpavam meus machucados quando eu caía de bicicleta.

Eu sempre odiei o cheiro dessa caixa.

Por isso, ao pisar no hospital, não consegui continuar caminhando.

— Vicente, vamos! — implorou o meu pai com um cansaço profundo.

Mas eu não me movi. Fiquei ali, olhando o final do longo corredor à frente, com paredes verdes amontoadas de cadeiras de rodas, duas ou três macas e algumas pessoas que davam voltas em silêncio, olhando o chão ou, talvez, os próprios sapatos. Tristes. Todos tão tristes, assim como meu pai e eu.

— O que a minha avó tem? — murmurei.

— É melhor perguntar para a sua mãe. Venha. Ela está lá em cima, esperando a gente — respondeu me empurrando para a frente, com uma palmadinha nas costas.

O quarto de minha avó era maior do que eu imaginava. Além da cama onde estava, de olhos fechados e conectada ao soro, contei duas cadeiras, uma mesa em que alguém deixou uma bandeja com comida já fria, uma janela com cortinas fechadas e um vaso grande, cheio de flores.

— Quem trouxe essas flores? — perguntei espantado assim que cruzei a porta.

— Eu — respondeu a minha mãe, que se levantou ao me ver.

— A minha avó não gosta dessas flores.

— Não? E como você sabe?

— Porque ela gosta das flores que sorriem e que sabem fechar um olho, como aquelas que têm no jardim! — exclamei.

Meus pais se entreolharam por uns segundos e depois olharam para mim. Eu não sei se estavam esperando que eu continuasse falando, mas, como ninguém se mexeu, peguei as flores e fui escondê-las no banheiro. Não queria que minha avó visse aquelas flores quando acordasse.

— Vocês devem estar morrendo de fome — disse minha mãe, se lamentando. Com a pressa, não consegui preparar nada...

— Bom, podemos ir na cafeteria lá embaixo — sugeriu meu pai e, quando pensou que ninguém estivesse vendo, lambeu os lábios com um sanduíche imaginário.

— Podem descer vocês. Eu prefiro ficar aqui com ela — disse a minha mãe.

— Não — interrompi. — Não estou com fome.

— Então o Vicente fica com a dona Petúnia — meu pai disse indo em direção à porta.

Minha mãe ficou alguns instantes em silêncio. Então suspirou fundo, encolheu os ombros e se aproximou de mim. Acariciou meu cabelo e me deu um beijo na testa.

— Cuida dela — sussurrou. Cuida dela como ela tem cuidado de você.

E saiu.

Eu me sentei na cama e deixei a mochila no chão. Ia pegar o livro que tinha que ler para o colégio, e aproveitar para estudar um pouco, quando minha avó se mexeu nos lençóis. Abriu os olhos e virou para mim.

— Alguém me trouxe flores que não sorriem ou eu estou sonhando? – perguntou.

Neguei com a cabeça e roguei que não aparecesse na cabeça da minha avó a ideia de se levantar para ir ao banheiro.

— Que bom. Eu não suportaria estar vestida assim, neste quarto tão feio, e ainda mais rodeada de flores que não me dão alegria — reclamou.

— O que é que você tem, vó? — eu disse e, por mais que tentei evitar, minha voz saiu cheia de tristeza.

Minha avó, a maluca, esticou o pescoço e levantou a vista para o teto do quarto, como se ali estivessem as palavras que necessitava para me responder. Tentou arrumar o cabelo que não estava tão firme e esculpido como sempre, seguramente por falta de laquê. Ao se dar conta que não pentearia como queria, decidiu não insistir mais. Então colocou a mão na boca e tocou a própria pele.

— Vicente, um espelho, rápido!

Corri até uma das cadeiras do quarto, onde tinha deixado uma bolsa com artigos pessoais. Do interior, peguei um pó compacto que ela rapidamente tomou da minha mão.

— Minha pinta! Que horror, ninguém me desenhou uma pinta! — disse se lamentando dramaticamente. Uma coisa é estar hospitalizada e outra muito diferente é se deixar morrer em vida. Nem o seu avô me viu sem a minha pinta, nunca! Rápido, pega o meu estojo de maquiagem!

Ela ordenou que eu vigiasse a porta e não deixasse ninguém entrar, nem o médico de plantão, enquanto ela não terminasse seu ritual de beleza. Então umedeceu com a ponta da língua seu pequeno e velho lápis, que parecia um pincel, e quando ia apoiá-lo sobre a pele, parou o movimento.

— Antes de tudo eu tenho que decidir como estou — murmurou. — Alegre? Triste? Nervosa? Com vontade de escrever?

E me olhou, como se estivesse esperando que eu respondesse suas perguntas.

— Parece que alguém precisa mais de ajuda do que eu — comentou. — Vem aqui, Vicente.

Quando me aproximei da cama, ela tomou um dos meus braços e me levou para ainda mais perto dela.

— Não quero caras tristes — avisou. Eu nunca gostei delas!

— Sim, vó.

— Quando eu desenho a minha pinta no lado direito do lábio superior, você sabe o que significa?

— Significa que você está feliz.

— Exato!

E sem me deixar tempo para dizer qualquer coisa, apoiou o lápis sobre minha pele. Com um rápido giro, deixou estampado um círculo preto perfeito debaixo do meu nariz.

— Aqui está! Agora vamos sorrir, Vicente. Não está permitido desobedecer a uma pinta!

— Mas você não me disse o que você tem, vó.

— Isso não importa. A gente não pergunta coisas tristes quando temos uma pinta à direita do lábio superior.

— Então, o que a gente faz agora?

— Como assim o que fazemos? Brincar com as palavras, querido! Abra as cortinas! — ordenou.

Corri até a janela e, com um movimento brusco, tirei da frente os tecidos que bloqueavam a luz do sol. E, junto com um luminoso raio amarelo que foi bem no rosto de minha avó, entraram também borboletas que escapavam das gargalhadas do vento e aplaudiam em pleno voo, flores que sorriam de orelha a orelha e árvores que nos cumprimentavam com seus longos braços cheios de folhas verdes.

Ali tínhamos todos os amigos de sempre. Ninguém faltou.



11

Assim que começou a semana, vi um cartaz com grandes letras vermelhas colado em um dos muros da escola:

CONCURSO ESCOLAR DE POESIA

Imediatamente soube que tinha que participar. Pela minha avó. Para finalmente poder dar para ela o prêmio que nunca ganhou.

A única coisa que eu precisava era do poema. Mas para isso eu tinha uma solução: como diria a minha avó, era só fechar os olhos e brincar com as palavras.

12

A pior parte de ficar acostumado com alguma coisa é que quando chegam as mudanças inesperadas, a gente se sente perdido durante um tempo, sem saber o que fazer. Isso foi o que aconteceu comigo quando voltei para a casa da minha avó enquanto ela ainda estava no hospital. Eu precisava escrever um poema para o concurso da escola, e não me veio outro lugar à mente senão me sentar no jardim onde tínhamos o costume de brincar com as palavras.

Mas sem minha avó Petúnia do meu lado, o quintal parecia diferente: as flores não se divertiam, nem o vento ria, e os galhos da árvore não se

moviam como os braços de um enorme e amigável gigante de madeira. Cada canto da casa me lembrava ela. Nada era igual.

Minha avó tinha que voltar rápido para que a casa inteira recuperasse sua alegria.

Eu me deitei na grama e deixei que meus olhos passeassem pelas nuvens pretas que começavam a cobrir o céu. Como se escreve um poema? Por onde começar?

— Conta, vó, o que eu faço? — perguntei gritando. Mas tudo seguiu em um silêncio absoluto.

Frustrado porque não tinha ninguém do meu lado que pudesse me responder, fechei os olhos para ver se assim meu coração dizia algo. Esperei. E esperei um pouco mais. Mas não, não teve jeito. Nada chegou à minha cabeça. Por mais que tentasse, não consegui sequer uma palavra para inventar um verso.

Na verdade, só duas coisas me importavam: quando minha avó iria se recuperar, e por que ninguém me contou qual era a sua doença.

Escutei um barulho lá longe, distante. Como ainda estava de olhos fechados, demorei alguns segundos para me dar conta de que se tratava de um trovão. Em poucos segundos, escutei outro. E mais outro. Pude sentir pelo uniforme um frio de inverno que me fez tremer, mas decidi que ainda assim não entraria em casa. Claro que não. Não deixaria que nada me fizesse renunciar à tarefa tão importante. Tinha que escrever um poema que me fizesse ganhar

esse concurso. Assim, poderia presentear minha avó com o diploma, a medalha, a taça de ouro ou o que fosse. Não tive dificuldade em imaginar seus olhos cheios de emoção e orgulho quando me visse entrar no quarto do hospital com o troféu em mãos. Com certeza ela aplaudiria com entusiasmo, sem se preocupar com a agulha de soro enterrada em seu braço, ou com as recomendações das enfermeiras para que não se mexesse muito na cama. Imediatamente, ela desenharia sua pinta em cima da boca, no lugar da alegria. E para celebrar com ela, eu também desenharia uma pinta. E deixaríamos entrar a luz do sol para que ele festejasse com a gente. E essa felicidade inesperada faria com que a minha avó melhorasse para sempre, sem que nenhum médico do mundo pudesse explicar a sua melhora repentina.

— É um milagre! — todos diriam cheios de emoção.

Mas não, não seria um milagre. Seria simplesmente a felicidade de saber que seu neto favorito teria prestado atenção em cada um de seus ensinamentos e teria conseguido finalmente o que ela sempre sonhou.

Minha avó. Minha querida avó, maluca.

Um novo trovão fez com que eu desse um salto em cima da grama. Então percebi que minhas bochechas estavam molhadas. Teria começado a chover sem que eu me desse conta? Ou por acaso eram lágrimas de tristeza por não compartilhar esse momento com a



responsável pela mudança na minha vida? Não quis abrir os olhos. Para quê? Nada que estava ao meu redor me interessava. Eu só queria pensar e escrever um poema. O melhor poema do mundo.

Sequei com as mãos a água que molhava o meu rosto, mas no mesmo momento voltei a senti-lo molhado. Aparentemente a chuva estava cada vez mais forte, ou eu estava chorando mais. Ou talvez o céu estivesse soluçando de tristeza porque, assim como eu, estava se sentindo sozinho e abandonado pelo vento que já não vinha rir com ele como antes. Ou pode ser que estivesse com saudade do voo das pipas que competiam com as borboletas para ver quem chegava mais alto e mais perto do sol.

Não, nada mais era igual. Nada.

Foi quando eu tive uma ideia: escreveria para minha avó sobre o quanto seu quintal tinha saudades dela. A grama já não sussurrava o seu nome. As nuvens choravam a sua ausência. A cor azul tinha ido para longe e, em seu lugar, tinha deixado ali um cinza sem graça que só provocava mais nostalgia. A árvore enorme parecia desanimada e as suas folhas eram como bocas verdes a ponto de fazer uma cara de choro.

Com as palavras a ponto de escapar pelas pontas dos dedos, abri a minha mochila, tirei meu caderno e abri em uma folha em branco. “O jardim que chora”, escrevi bem rápido.

Decidi que esse seria o título.

E continuei escrevendo pelo resto da tarde, sem me dar conta do tempo.

Já quando caía a noite, tinha terminado o melhor poema do mundo.

13

Mas não era, o meu não foi o melhor poema do mundo. De fato, acabou sendo um poema péssimo. Porque eu não ganhei nem o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro lugar.

Não ganhei nada e já sei o porquê: não desenhei a pinta do lado esquerdo do queixo, debaixo do lábio inferior, onde deveria estar.

Como eu pude esquecer isso!

14

- **V**ocê está triste, Vicente?
- Sim, muito.
- Por quê?
- Porque queria ganhar esse concurso, vó!
- E para quê?
- Para te dar o troféu.
- Eu não preciso de troféus!
- Mas você sempre quis ganhar um prêmio com um poema...
- Eu?
- Sim. Cada vez que você terminava de escrever dizia: “É com esses versos que eu vou ganhar um

prêmio” — disse. — Por acaso você não lembra que me confessou isso?

— Que boa memória você tem, rapazinho. Muito bem, quer saber a verdade? — ela me perguntou em voz baixa. — Foi uma mentira. Sim, uma mentira. E não me olha com essa cara, Vicente, que eu não fiz nada demais!

— Como não? A minha própria avó mentiu para mim! Isso é muito grave!

— Não, não é grave... Bom, sim, um pouco. Mas eu fiz de propósito. Para te testar.

— Me testar?

— Eu sempre soube que você era diferente, Vicente. Que você era um rapaz especial. Um rapaz único. E eu sabia que com o passar do tempo você seguiria meus passos.

— Não estou entendendo nada, vó.

— É muito simples: ao te dizer que eu queria ganhar um concurso, plantei essa ideia na sua cabeça — confessou. Você nem se deu conta, mas começou a escrever toda tarde na minha casa. Por isso eu fiz o que eu fiz. Para conseguir que você virasse um verdadeiro escritor.

— Mas o que a gente fazia na sua casa era conversar, vó. Brincar com as palavras — corrigi.

— Isso também é escrever. Um poeta não escreve só com lápis, querido. Um poeta escreve com os olhos, com a voz, com os ouvidos.

— Ai, vó...

— Sim! Isso foi o que você fez quando criou “O jardim que chora”. Você escreveu com os olhos, com a voz, com os ouvidos, com o tato, com o olfato... Você usou todos os sentidos, como um verdadeiro escritor! E é por isso, só por isso, que para mim você é o vencedor.

— Então não importa para você que eu perdi?

— Claro que não! Já te disse que não estou triste. Pelo contrário. Já cumpri a minha missão, Vicente. Já posso ir em paz.

— Aonde você vai?

— Para algum lugar, eu suponho. Por isso eu coloquei esse chapéu com uma pena verde. Você sabe que eu sempre coloco esse chapéu quando saio de casa.

— Mas aonde você vai?

— Não sei. Talvez detrás das nuvens?

— Mas isso é longe.

— Sim, muito longe. Vamos ver, você me diz, o que existe detrás das nuvens?

— Lá ficam escondidas todas as bexigas que foram para o céu.

— Que ótimo! Então vou ir ali brincar com essas bexigas perdidas.

— Posso te acompanhar, vó?

— Não. Você tem muita coisa para escrever ainda.

— Não sei o quê escrever.

— Você se lembra do caderninho que eu te dei de presente?

— Sim

— Ainda está com você?

— Sim. Guardado na gaveta da minha mesinha.

— Perfeito. Quero que você anote ali tudo que se passa pela sua cabeça. O que chame a sua atenção. Todos os pensamentos que cruzam a sua mente. Está claro?

— E eu posso escrever sobre a sua pinta falsa?

— Adorei essa ideia...

— Vou criar algo que vai se chamar *Minha avó maluca*, em sua homenagem.

— Que emoção, meu neto! — exclamou. Nada me faria mais feliz. Assim você não vai me esquecer nunca.

— Nunca vou me esquecer de você, vó.

— Isso me deixa muito mais tranquila. Bom, agora sim eu posso ir em paz.

— Você vai embora por causa da sua doença?

— Eu vou embora porque todos temos que ir em algum momento. Por isso é tão importante sempre fazer o que a gente gosta. Para que, quando chegue a nossa vez, possamos ir felizes. E satisfeitos.

— Não vá ainda...

— Não, meu amor, sem lágrimas. Isso não é uma despedida. Escreva. Escreva muito. E cada vez que você escrever, estarei ao seu lado, lendo por cima do seu ombro.

— Não vai embora, vó!

— E desenhe uma pinta no rosto quando nada vier à sua cabeça. Essa tática nunca falhou comigo!

— Vó...

— Aqui, em cima do lábio quando você estiver feliz — indicou. E debaixo, no queixo, quando estiver buscando inspiração... Não se esqueça!

— Não quero que você vá embora... — eu disse me lamentando.

— *Minha avó maluca*. Amei o título! — e abriu os braços como se quisesse tocar as palavras que saíam de sua boca. — E quando você terminar, quero que dedique o livro a mim... E à minha pinta. Entendeu?

— Vó, por favor... — eu soluçava.

— Não se esqueça, Vicente. Eu vou te esperar lá em cima, junto com as bexigas, detrás das nuvens.

— Vó!

— Vicente...

— Vó, não!

— Vicente... Vicente, abre os olhos!

15

— **V**icente, abra os olhos!
Já não era a voz da minha avó. Era a voz de
minha mãe, de pé, ao meu lado.

— Vicente, acorde! – ordenou.

Eu me sentei na cama e passei a mão pelo rosto, tentando tirar o sono de cima dele. Olhei para a janela do meu quarto, que continuava muito escura assim como estava quando fui dormir. Que horas eram?

— Vai se vestir! Vamos para o hospital — disse minha mãe, sussurrando. Tinha a boca sem cor, como fica quando está preocupada com algo.

— O que aconteceu?

— Não demora. O seu pai está esperando a gente no carro.

— O que aconteceu? — eu insisti.

— A sua avó... — e isso foi a última coisa que disse antes de começar a chorar.

16

Eu me chamo Vicente Castillo e publiquei muitos livros. Alguns são bons, outros nem tanto. Vários deles ganharam prêmios importantes e outros só estiveram um tempinho nas vitrines das livrarias antes de desaparecerem sem que ninguém se importasse.

Talvez vocês conheçam algumas das minhas obras e lamento muito se tiraram alguma nota ruim por conta de um livro de minha autoria. Eu só queria que vocês se divertissem e vivessem um momento prazeroso, imaginando mundos e personagens que não existem no mundo real, só na minha

imaginação. Muito obrigado por me escutar e pelos abraços que me dedicaram. Para mim, tem sido um verdadeiro prazer conversar com vocês e compartilhar uma parte da minha vida durante essas horas. Sempre que me convidam para algum evento como este, para falar de livros, de poesia, ou sobre a minha avó, eu aceito imediatamente. Porque eu gosto de falar de coisas que me alegram. Além disso, ao contar as aventuras de minha avó Petúnia, tenho a sensação de que ela segue viva aqui, do meu lado, ainda que já tenham se passado tantos anos desde o dia do seu funeral.

Como? Sobre como foi o seu funeral? Triste, claro. Mas eu também devo ser honesto: não foi tão doloroso como eu havia pensado que seria. Ela mesma já tinha dito que iria detrás das nuvens para seguir inventando poemas. E eu penso que ninguém pode viver mal se está vivendo em uma nuvem, aquecida pelo sol.

Eu me lembro da missa como se tivesse acontecido ontem. A igreja estava cheia de parentes e de flores. E, apesar de estarmos em um velório, todas as flores que estavam em volta do túmulo estavam sorrindo. Sim, todas. Do jeito que a minha avó gostava. Em me sentei bem de frente ao túmulo, acompanhado pelos meus pais, que seguravam as minhas mãos. Talvez eles estivessem pensando que eu queria fugir, ou que eu pudesse fazer algo vergonhoso na frente do resto dos meus tios e primos.

Mas não. Fiquei tranquilo olhando a madeira do caixão que brilhava devido à luz que entrava pelas janelas. Era uma luz dourada, como as gargalhadas dos pardais. Porque eu descobri que os pardais riem em diferentes tons de dourado, caso vocês não saibam. Também averigui que, com o passar do tempo, as ondas do mar sentem dor nas costas de tanto se dobrar e esticar sobre a areia. E que ensinam uma nota musical a cada gota de chuva antes que se lancem para fora da nuvem, para que saiam cantando a todo volume, enquanto caem na terra.

Sobre como aprendi tudo isso? Adivinhem graças a quem foi? Sim, sem sombra de dúvidas, posso dizer que a minha avó é a culpada por eu ter descoberto todas as coisas importantes da vida. E tenho certeza de que hoje em dia sou o que sou graças a ela.

E o que eu sou? Apenas uma pessoa que enxerga melhor o mundo com os olhos fechados. E que com o passar dos anos aprendeu a brincar com as palavras tão bem que essa habilidade virou sua profissão.

Bom, vou responder a uma última pergunta porque não quero segurá-los mais. Imagino que vocês devem querer seguir com suas atividades e que já devem estar cansados de me ver aqui falando como um papagaio em frente de vocês.

Sim, uma pergunta mais...

Sobre qual é o meu livro preferido entre todos que escrevi? Essa é uma pergunta muito interessante de se responder porque a resposta é muito simples para

mim. Esse livro se chama Minha avó maluca. Na verdade, escrevi esse livro não faz muito tempo. Um dia, acordei com esse título na mente, possivelmente sonhei com ele. Eu quase nunca me lembro dos meus sonhos, mas tenho as melhores ideias quando abro os olhos de manhã. E nesse dia não foi diferente. Acordei e me sentei na cama com essas três palavras dando voltas no interior da minha cabeça.

Três simples palavras: minha-avó-maluca.

“Eu amei o título!”

Do passado veio a voz de minha avó. A mesma que escutei pela última vez na noite em que ela se despediu de mim.

“E quando você terminar, quero que dedique o livro a mim... E à minha pinta. Entendeu? Não se esqueça, Vicente. Eu vou te esperar lá em cima, junto com as bexigas, detrás das nuvens.”

Como vocês sabem, os estudiosos mais introvertidos costumam ser disciplinados. Isso para poder fazer muitas e todas as coisas ao mesmo tempo. Então, obedecendo às ordens de minha avó, em uma manhã especial, me levantei com tudo e cancelei todas as outras coisas que tinha que fazer. Me tranquei no escritório, disposto a trabalhar por muitas horas; abri uma das gavetas da escrivaninha e tirei de lá um lindo caderninho de capa verde e páginas quadriculadas...

Sim, o mesmo caderninho que ela me presenteou há muitos, muitos anos. E o mesmo caderninho

que eu guardei com muitos ciúmes esperando uma boa razão para usar.

Peguei um lápis preto e desenhei uma pinta no lado direito do queixo, como ela me ensinou. Depois de tanto tempo de prática, não preciso nem me olhar no espelho para fazer isso. Apoio a ponta sobre a minha pele, faço um movimento rápido com a mão e...

Agora sim. Pronto para escrever, Vicente. Ninguém pode desobedecer a uma pinta!

Claro que já é uma tradição que uma pinta redonda e falsa enfeite o meu rosto cada vez que eu começo um novo livro.

Não precisei pensar muito para começar a escrever. Só precisei fechar os olhos por uns breves instantes para que toda a inspiração brotasse no interior da minha cabeça e fluísse até a ponta de meus dedos. Deixei que o lápis corresse veloz sobre a primeira página, escrevendo o que se tornaria, alguns meses depois, este novo livro chamado Minha avó maluca.

Como? Sobre como são as primeiras linhas dessa história? Querem escutar? Sem problemas: sei de cor. Aqui vão, dedicadas a vocês, com todo carinho:

“A minha avó é a culpada de tudo. Sim, de tudo! Porque sempre existe uma pessoa que é culpada porque outra pessoa faz algo do jeito que faz, certo? Ou porque gosta do que gosta, ou ainda porque alguém não gosta de algo, e nunca gostou, na verdade, dessa coisa...



Bom, no meu caso, a responsável por tudo é a minha avó. E por quê? Simplesmente porque a minha avó está maluca.”

PARATEXTO

Elaborado por Marina de Paulo, licenciada em Português pela Universidade de Coimbra, em Portugal, graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Viçosa. É mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista.

.....

Prezado(a) estudante,

Bem-vindo ao material complementar à leitura do livro *Minha avó maluca*. Por meio deste recurso, além de percorrer diferentes sentidos desencadeados por esta obra literária, você pode aproveitar para, a partir dela, criar novas discussões.

Em um primeiro momento, é traçada uma síntese do livro e lançado um olhar atento ao enredo, ao espaço e aos personagens e suas características. Também são exploradas algumas das principais simbologias e dos subtemas desta obra.

Em seguida, são apresentados autor, ilustrador e tradutor, momento em que são relatados aspectos de suas biografias e de outros de seus trabalhos.

Por fim, é dada ênfase ao papel social da arte e da literatura, e aborda-se também as potencialidades de desenvolvimento humano a partir de um clube de leitura e o papel da escrita na realidade do indivíduo.

Desejamos uma excelente experiência de (re)leitura!

SOBRE A OBRA

Minha avó maluca é uma história em que, de forma sensível e divertida, um neto relata a sua trajetória em direção a um melhor relacionamento com a avó. Ao delinear esse caminho ele também evidencia o cenário que o levou ao seu ofício profissional: escritor.

Entre os momentos mais marcantes desse percurso, estão a identificação de um poeta, a aproximação lúdica com a avó por meio da escrita e a perda de um ente querido.

Durante a leitura, o leitor tem a oportunidade de traçar paralelos com situações vivenciadas ao longo de sua própria história de vida, recordar-se de familiares, amigos ou colegas com os quais experienciou situações semelhantes, o que torna o processo ainda mais emocionante. Além disso, se de um lado a história pode convidar ao questionamento da validade dos estereótipos presentes na sociedade, de outra é capaz de lançar luz sobre como os estímulos externos influenciam na construção de nossas identidades.

NARRATIVA

O texto caracteriza-se por ser uma expressão literária do gênero narrativo, um romance infantojuvenil

de curta extensão que conta uma história, possui um narrador, um ou mais personagens, enredo, tempo e espaço. *Minha avó maluca* se insere neste tipo e se concentra no relacionamento de um neto — Vicente — com sua avó — Petúnia.

Narrados em primeira pessoa, os acontecimentos se dão em torno da relação que vai se desenvolvendo entre o menino e sua avó. Inicialmente marcada pelo distanciamento, a relação vai sendo ressignificada, com a aproximação, a intimidade e um grande afeto se estabelecendo entre eles.

Na trama, o narrador narra os fatos com um grande distanciamento temporal deles, ele já adulto contando a sua história para uma plateia de crianças/estudantes, durante uma palestra. No início, já há indícios disso e outros vão aparecendo em frases que expressam uma análise do narrador adulto sobre os acontecimentos e/ou seus sentimentos.

A seguir estão alguns destaques escolhidos em relação ao enredo.

1. Culpada, maluca e poeta

Ao início do relato, de forma cômica, Vicente culpa Petúnia por ele “ser como é”:

A minha avó é a culpada de tudo. Sim, de tudo! Porque sempre existe uma pessoa que é culpada porque outra pessoa faz algo do jeito que faz, certo? (p. 9)

Depois disso, em tom revoltado, caracteriza-a como uma avó fora dos padrões esperados nas formas de se vestir e agir e afirma que “Além de maluca, ela é poeta”:

[...] todo mundo já imagina uma senhorinha encantadora, de cabelos brancos presos com todo jeitinho em um coque em cima da nuca com um sorriso de fada madrinha e uns olhos tão doces como vaga-lumes apaixonados. (p. 9)

[...] Pois minha avó é exatamente o contrário [...] E todos sabemos que devemos nos atentar para esses sinais, porque ela está maluca e nunca, nunquinha, devemos contradi-
dizer as avós malucas. (p. 10)

Sob esta ótica já fica evidente que Vicente tem um relacionamento distante com Petúnia. Mais adiante, quando recebe a notícia de que passará a ir da escola para a casa dela, ele se apavora. Além das piadas dos colegas, um de seus temores era o de que ela o recebesse recitando versos de algum poema.

2. Brincadeira com as palavras

Surpreendentemente, ocorre uma súbita aproximação entre neto e avó. Em uma das vezes que Vicente está na casa dela, Petúnia aparece de supetão, abre as cortinas e, apontando para uma árvore, pede que o neto diga o que vê. A princípio, ele responde da forma mais esperada, mas, com a insistência da avó, dispara:

— Vale se eu falar que uma árvore é um gigante de madeira contente que estende seus braços com folhas para o céu...? (p. 25)

A avó responde que sim e, a partir de então, ambos se aproximam bastante, iniciando o que caracterizam como “brincar com as palavras”. Vicente passa a se sentir importante para a avó, seu neto favorito. Fica cada vez mais animado para encontrá-la, inclusive deixando de se incomodar com as risadas dos colegas.

[...] A culpa de que eu passasse o dia inteiro desejando que as aulas acabassem rápido para ir correndo para sua casa, para me sentar com ela no jardim e brincar com as palavras. (p. 49)

[...] Agora, a única coisa que eu quero a cada dia é que as aulas acabem logo para ir ver minha avó. Eu já nem sequer escuto as risadas e as zoeiras de meus colegas no ônibus durante o trajeto para casa. Quando vejo sua pinta e a pena verde que me cumprimentam desde a calçada, já tenho vontade de rir. (p. 35)

Um dos acontecimentos mais especiais neste ponto é a ida deles ao parque, quando brincam de caracterizar as coisas sem vê-las. Vicente então ganha o tão amado caderninho de capa verde como um prêmio “por ser como é”:

— Toma, Vicente. Isso é para você — disse muito solene.
É um prêmio por você ser como é. (p. 32)

3. Caixa metálica de remédios e prêmio

Na terceira etapa da obra, Vicente descobre que a avó está hospitalizada. Ao acompanhar o pai até o quarto do hospital, depara-se com flores das quais Petúnia não gosta e fica espantado:

- Quem trouxe essas flores? — perguntei espantado assim que cruzei a porta.
— Eu — respondeu a minha mãe, que se levantou ao me ver.
— A minha avó não gosta dessas flores. (p. 56-57)

A família foi pega de surpresa com a internação de Petúnia, então o pai sugere que comam algo na lanchonete do hospital. Vicente afirma que não está com fome e fica sozinho com a avó, aproveitando para esconder as flores no banheiro.

Após algum tempo, Petúnia e Vicente conversam, e a avó pede que ele pegue seu estojo de maquiagens para que ela desenhe sua tão preciosa pinta no queixo. Ao ver a tristeza do neto, ela também desenha uma pintinha nele, situação que o deixa de bom humor. Em seguida, começam a brincar com as palavras.

Durante a hospitalização da avó, Vicente fica sabendo sobre um concurso de poemas e, como ela sempre sonhou com uma premiação, ele decide participar. Para o menino, se ele ganhasse a disputa

Petúnia ficaria tão animada que melhoraria seu estado de saúde.

Porém, Vicente não ganha o concurso. Todavia, recebe algo melhor: a notícia de que sua avó nunca desejou um prêmio realmente, mas sim incentivá-lo a escrever:

— É muito simples: ao te dizer que eu queria ganhar um concurso, plantei essa ideia na sua cabeça — confessou. Você nem se deu conta, mas começou a escrever toda tarde na minha casa. Por isso eu fiz o que eu fiz. Para conseguir que você virasse um verdadeiro escritor. (p. 74)

Depois dessa conversa, Petúnia falece, mas avó e neto combinam que ele nunca pararia de escrever. Ela garante que sempre estaria lendo por cima de seus ombros.

4. O escritor

Na última etapa, um autor chamado Vicente se apresenta, apesar de que desde os primeiros capítulos ele se coloca na narrativa, mas sem dar muitas pistas do presente, somente indícios.

Peço desculpas por não ter me apresentado antes. Eu me chamo Vicente e há muito tempo tinha a mesma idade que vocês têm agora. E foi naquela época que aconteceram as coisas que vou contar. (p. 15)

Aparentemente o autor está em uma **palestra** para a qual foi convidado, comentando sobre suas obras e agradecendo a simpatia do público:

[...] Sempre que me convidam para algum evento como este, para falar de livros, de poesia, ou sobre a minha avó, eu aceito imediatamente. Porque eu gosto de falar de coisas que me alegram. Além disso, ao contar as aventuras de minha avó Petúnia tenho a sensação de que ela segue viva aqui, do meu lado [...]. (p. 82)

Após se apresentar, Castillo afirma que Petúnia é a culpada por ele ter descoberto todas as coisas importantes da vida.

ESPAÇOS

Casa e jardim

O principal espaço em que *Minha avó maluca* se passa é na casa da avó. Conforme a narrativa muda de estágio, a caracterização da casa também se modifica. Ao passo que a aproximação de Petúnia e Vicente acontece, a casa que, no começo era fechada e não recebia a luz do sol, em dado momento tem suas cortinas abertas, com vista para um jardim. Dessa forma, Vicente percebe que “O que sempre me pareceu opaco e escuro ficou rapidamente vibrante e colorido” (p. 22).

Daí em diante, o jardim passa a ser um espaço bastante utilizado pela dupla. Nele, avó e neto brincam de criar palavras, exploram a observação das belezas naturais e as impressões poéticas que elas lhe causam.

Por outro lado, quando a avó adoece, Vicente percebe o mesmo lugar de uma maneira diferente:

Mas sem minha avó Petúnia do meu lado, o quintal parecia diferente: as flores não se divertiam, nem o vento ria, e os galhos da árvore não se moviam como os braços de um enorme e amigável gigante de madeira. Cada canto da casa me lembrava ela. Nada era igual. (p. 66)

Hospital

Outro ambiente importante na história é o hospital. Quando fala dele, Vicente retrata um local com cheiro parecido ao da caixa de remédios de sua casa, um odor que ele sempre odiou e que, por isso, o fez não conseguir caminhar:

Era uma mistura do metal oxidado do fundo, xarope para tosse — que diziam ser de morango, mas na verdade tinha gosto de fruta podre — e remédio com que limpavam meus machucados quando eu caía de bicicleta.

Eu sempre odiei o cheiro dessa caixa.

Por isso, ao pisar no hospital, não consegui continuar caminhando. (p. 55-56)

Por outro lado, quando ele reencontra a avó e abre as cortinas do quarto, o local recebe novos contornos, passa a remeter aos outros momentos anteriormente vivenciados pela dupla:

[...] E, junto com um luminoso raio amarelo que foi bem no rosto de minha avó, entraram também borboletas que escapavam das gargalhadas do vento e aplaudiam em pleno voo, flores que sorriam de orelha a orelha e árvores que nos cumprimentavam com seus longos braços cheios de folhas verdes. Ali tínhamos todos os amigos de sempre. Ninguém faltou. (p. 60)

PERSONAGENS

Não raro, as histórias que lemos nos colocam em contato com diferentes personagens. Muitas vezes, podem nos chamar a atenção por suas ações e características positivas ou negativas. O fato é que quando comentamos essas narrativas com outras pessoas, uma das partes mais interessantes é falar sobre suas ações e suas características. Essas discussões nos ajudam a refletir sobre o outro, sobre o que o levou a ser desse ou daquele jeito; nos ajudam também a nos colocar no lugar do outro e refletir sobre modos de agir e de ser nessas situações.

Vicente

A maior parte da narrativa concentra-se em um Vicente jovem. Um menino discreto e introvertido que afirma não fazer barulho e não incomodar. Ele também é estudioso: bom de escrita, leitura e cálculo, não muito afeito a jogar bola. Na trajetória da personagem, pelo relato dele já adulto, é possível observar mudanças em seu modo de ser e de ver as coisas e as pessoas. Vale a pena refletir sobre essas mudanças, analisando, por exemplo, quais foram elas e o que as provocaram.

Petúnia

Apresentada como uma avó excêntrica e maluca na primeira parte da obra, além de poeta, Petúnia também aparece como uma idosa rígida e estressada. Ela nunca deixava abrirem as cortinas de sua sala e chegou a brigar com uma vizinha e a ficar furiosa com uma cabelereira. Mesmo levando o nome de uma flor, usava roupas pretas, mas, nem por isso, deixava de ser vaidosa: sua pinta é o principal traço de vaidade, nem o marido teria a visto sem esse ponto preto. Mesmo hospitalizada, preocupa-se em refazer o traço de maquiagem.

Assim como ocorre com Vicente, em um segundo momento da narrativa, a partir da aproximação entre neto e avó, Petúnia também passa a se transformar. Ela se configura como uma personagem mais amorosa e uma grande incentivadora das

qualidades positivas do neto. Propõe-se aqui refletir sobre em que e por que Petúnia também foi modificada pela relação com o neto.

Mãe e pai

A mãe e o pai de Vicente aparecem como personagens secundários. O fato de a mãe de Vicente começar a trabalhar é um acontecimento que desencadeia o conflito que leva ao desenvolvimento da narrativa.

Na trama, a ação desses dois personagens por vezes denotam traços da personalidade de cada um e a relação deles com a avó.

Colegas

Os colegas de escola de Vicente aparecem ainda menos no enredo, não têm falas específicas e se expressam apenas pelo olhar amedrontado do garoto. São meninos chatos que gostam de fazer piada por ele não jogar bola e caçoam de sua avó. Vale ressaltar que as mudanças sofridas por Vicente impactaram na sua relação com esses colegas.

SIMBOLOGIAS

Além de diferentes personagens, muitas vezes, as obras literárias trazem em seu enredo objetos e/ou situações que ganham muita notoriedade e podem acarretar diversos sentidos aos enredos. Na obra em discussão, destacam-se dois elementos: a pinta de Petúnia e o caderno de capa verde que ela dá a Vicente.

Pinta

A pinta de Petúnia é um dos símbolos que mais chamam atenção em *Minha avó maluca*. O ponto preto de maquiagem é responsável por evidenciar a vaidade da idosa e, de certa forma, por materializar a eternidade da relação entre ela e o neto.

Quando a pinta estava desenhada do lado direito do lábio superior, significava que a Petúnia estava feliz. Se estivesse ao lado esquerdo, que estava triste. Durante sua hospitalização, assim que tem o primeiro encontro com o neto, Petúnia pede o estojo de maquiagem e redesenha a pinta. Para reanimar Vicente, desenha uma pinta abaixo de seu nariz e diz que ele tem que ficar feliz, pois não é permitido desobedecer a uma pinta.

Por meio desse artifício, compreendemos o oferecimento da marca registrada da avó ao neto, como uma materialização da proximidade entre os dois e uma forma de herança. Quando Vicente

decide escrever suas obras, ele próprio passa a desenhá-las, pintando uma pinta em seu rosto.

Caderno

Outro símbolo importante a ser destacado é o caderno de capa verde com o qual Petúnia presenteia Vicente. Esse objeto parece simbolizar, de modo físico, o incentivo que ela dá ao neto para que se torne escritor. No começo, por anos, com muito ciúmes, ele guarda este objeto sem utilizá-lo. Mais adiante, no que denomina como “uma manhã especial”, obedece às ordens da avó, levanta “com tudo”, cancela os compromissos e, no mesmo caderno, começa a escrever, demonstrando que a missão dela estava, de fato, cumprida.

SUBTEMAS

Para tornar a experiência mais significativa, ao ler *Minha avó maluca* e tantas outras obras é importante identificar não somente os temas explícitos, mas também os que as subjazem. Em relação a este livro, dois assuntos chamam atenção: os estereótipos e como os estímulos externos influenciam na construção de nossas identidades.

Estereótipos

Já no início da obra é possível identificar a expectativa de Vicente em relação ao que seria uma avó dentro dos padrões esperados pela sociedade. Por meio do contraste entre o que os leitores esperam de uma avó e a caracterização de Petúnia, fica evidente não só a opinião do neto, mas a própria percepção da sociedade sobre os padrões físicos e de comportamento esperados de uma avó. Outro argumento nesse sentido é o fato de ele demonstrar pavor que colegas da escola vejam a avó:

Não. Não podia permitir que a minha avó arruinasse minha vida. E muito menos na frente de todos os meus colegas! (p. 18)

No decorrer da narrativa, Vicente muda de opinião e passa a agir com muito carinho em relação à Petúnia, aceitando-a como é. Este é um momento propício para refletir sobre essa mudança. Por exemplo, como o adjetivo “maluca” é ressignificado por Vicente?

Estímulos sociais

Por vezes, ao longo da vida, as pessoas podem ter percepções sobre nós e nossos talentos, os quais nós mesmos não reconhecemos, e vice-versa. Partindo do exemplo de Petúnia e Vicente, se ela não tivesse sido sensível para identificar e, sobretudo,

não investisse tantos esforços para estimulá-lo, talvez ele nunca se reconheceria como um escritor.

A narrativa de *Minha avó maluca* demonstra a essencialidade de agir dessa forma uns com os outros.

Sobre como aprendi tudo isso? Adivinhem graças a quem foi. Sim, sem sombra de dúvidas, posso dizer que a minha avó é a culpada por eu ter descoberto todas as coisas importantes da vida. E tenho certeza de que hoje em dia sou o que sou graças a ela. (p. 83)

AUTORIA

Sobre o autor

Também conhecido como El Chascas, o escritor por trás de *Minha avó maluca* se chama José Ignacio Valenzuela. Ele é chileno, nascido em Santiago, em 1972.

Além de dedicada às obras literárias, a carreira de Valenzuela é voltada também ao audiovisual e à docência. Publicou romances para o público jovem e adulto e trabalhou como professor de redação criativa em diferentes instituições mundo a fora, atuando em países como Chile, Porto Rico, México e Estados Unidos.

Escreveu cerca de vinte romances, entre os quais estão *La familia de al lado*, *Dama y obrero* e

Amor à domicile. Desenvolveu diferentes programas literários e televisivos, projetos teatrais e cinematográficos.

Em 2012, a revista *About.com*, do *The New York Times*, apontou José Ignácio como um dos dez melhores escritores latino-americanos com menos de 40 anos. *Mi abuela, la loca* é seu segundo livro infantojuvenil.

Sobre o ilustrador

Leonardo Ríos é o ilustrador de *Minha avó maluca*. Ele nasceu no Chile, em 1979.

Em 1998, Ríos cursou o primeiro ano de licenciatura em Arte na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Entre 2000 e 2006, estudou Jornalismo e Comunicação Social na Universidade do Chile. No período entre 2007 e 2009, fez pós-graduação em Gráfica, Gravura e Litografia na Accademia Albertina delle Belle Arti, na Itália.

Desde 2013, atua como professor no Instituto Alpes, em Santiago, no Chile, e ministra disciplinas como a Apreciação da Arte, História da Ilustração e Expressão Gráfica, no curso de Ilustração.

Seu trabalho gráfico se desenvolveu em diferentes publicações, como *Giudizio Universale* y *Giornale dell'Arte*, *El Ciudadano*, na Itália, e *The Clinic*, *Rocinante*, *La Momia Roja* e *Plan B*, no Chile.

Além disso, ilustrou vários livros de literatura infantil em diferentes editoras e participou de antologias de charges.

LITERATURA

Desde os primórdios da humanidade a arte se faz presente. Já na Pré-História os seres humanos se expressavam artisticamente ao realizarem pinturas em cavernas. A arte cria condições para que as pessoas externalizem suas emoções e deem sentidos as suas vidas. Por meio dela, são expressos aspectos da culturas, dos desejos, das necessidades de cada um, e criam-se registros históricos que possibilitam conhecer e interpretar os diferentes modos de vida de épocas e povos.

Existem muitos tipos de expressão artística: a literatura, o cinema, a pintura, por exemplo. Todas são importantes para o desenvolvimento humano, e nos permitem dar vazão a quem somos e/ou gostaríamos de ser. Elas estimulam o raciocínio lógico e abstrato e incentivam a criação e a interpretação de diferentes significados das coisas do mundo.

Quando se entende a literatura como arte, pode-se, inclusive, defendê-la como um direito humano. Nessa mesma perspectiva, ela é entendida como uma criação com função psicológica e formadora. Primeiro, porque possibilita imaginar, recriar e organizar universos a partir dos recursos específicos das diferentes linguagens das artes. Segundo, pelo fato de que, além de dar a conhecer diferentes “realidades”, na ficção, a partir de diferentes perspectivas, ela muitas vezes convoca à reflexão sobre

questões sociais delicadas e à tomada de uma posição em relação a elas.

LEITURA

O acesso à literatura se configura como um direito imaterial do ser humano. Isso se dá pela necessidade de construção da capacidade imaginativa e de promover o desenvolvimento de um repertório cultural, informacional, linguístico, entre outros.

Quando se lê é possível expandir, acessar novos espaços e conectar-se com outras pessoas. Pensando nisso, uma sugestão interessante é o desenvolvimento de clubes de leitura. Neles, as pessoas se encontram e dialogam sobre obras literárias, realizam debates, exposições ou peças vinculadas aos temas dos livros escolhidos.

Nesses ambientes, além de se desenvolver individualmente durante o processo de leitura, é possível enriquecer a própria experiência ou a de outras pessoas, ao socializar os pontos de vista e as ideias a respeito de um determinado assunto.

Outras possibilidades para essa socialização que vêm ganhando notoriedade são as páginas em redes sociais dedicadas às obras, aos autores e às discussões literárias, lugares que geralmente favorecem

a troca com pessoas do mundo todo por meio do acesso à internet.

Que tal discutir com os colegas o livro *Minha avó maluca*? Convide professores e colegas para organizar um momento dedicado a esse objetivo e, juntos, construam um lugar convidativo de troca.

DICAS DE ESCRITA

Tudo que lemos foi escrito por alguém. Assim como Vicente, alguns escritores podem até ter tido o estímulo de um parente ou alguém próximo que os ofereceu um caderno de capa verde, mesmo que não literalmente.

Pode-se sugerir aos professores que todos escrevam sobre *Minha avó maluca*. Uma forma interessante de realizar essa atividade é reescrever passagens da obra em forma de outros gêneros: uma história em quadrinhos, uma tirinha, um meme ou, até mesmo, para o teatro.

REFERÊNCIAS

BIESDORF, Rosane Kloh. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Itinerarius Reflectionis*, v. 7, n. 1, 22 fev. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2011.

SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA. *Arte e sociedade*. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/arte-e-sociedade/>. Acesso em: 27 jun. 2022.



**Enquanto outros netos e avós
brincam com bolas, bonecas,
piões ou carros, Vicente e sua
avó brincam com as palavras.
Graças a ela, Vicente começa
a se encantar pelos livros e a
aprender que, muitas vezes,
ouvir o seu coração e não
seguir a maioria pode ser uma
maneira de encontrar sua
verdadeira identidade.**